ENFERMAGEM DE SAÚDE PÚBLICA

ORIENTAÇÕES SOBRE VACINAÇÃO INFANTIL NO MOMENTO DA SUA APLICAÇÃO *

Judith Costa **

Maria Cecília Puntel de Almeida ***

ReBEn/01

COSTA, J. e Colaboradora — Orientações sobre vacinação infantil no momento da sua aplicação. *Rev. Bras. Enf.*; DF, 33 : 393-403, 1980.

INTRODUÇÃO

A frequência e mortalidade de crianças por doenças transmissíveis, chamadas da infância, têm caído a níveis muito baixos em muitos países. No nosso, no entanto, as taxas de morbidade e mortalidade por moléstias infecciosas são ainda muito altas, e a menos que se mantenham, se melhorem e se aumentem as medidas de imunização, tanto em nosso país como em todos os outros, continuam existindo ameaças de novas epidemias.

O Boletim Epidemiológico do MS e FSESP (1979) apresenta estimativas de crianças menores de um ano vacinadas em todo o Território Nacional, de 1975 a 1978. Vemos que, apesar da melhora

progressiva da porcentagem de crianças que receberam as doses necessárias para que se as considerem vacinadas, a partir de 1975 menos de 50% da população de menores de um ano (estimada para 1978) completaram a vacinação.¹

As recentes epidemias divulgadas através da imprensa e com destaque a da poliomielite nos tem levado a indagações sobre os motivos ou causas que têm conduzido a tais condições. Por que os índices de doenças contagiosas, passíveis de controle através da vacinação, continuam elevados, a despeito da existência de vacinas, programas e campanhas de imunização?

O que se gasta em tempo e dinheiro para a vacinação de uma criança é tam-

* Este trabalho faz parte de uma ampla pesquisa sobre a análise de todo o processo de vacinação infantil. Já foi publicada uma parte que se intitula "Avaliação da Técnica de Injeção Intramuscular para Vacinadores, através de Check-List".

** Professor Assistente, Doutor junto ao Departamento de Enfermagem Geral e Especializada da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP.

*** Professor Assistente junto ao Departamento de Enfermagem Geral e Especializada da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP.

bém enfatizado em publicação do Boletim Epidemiológico do MS e FSESP² que diz: "com o dispêndio de tanto esforço e de dinheiro em cada vacinação é de grande importância que as vacinas administradas tenham a máxima eficácia possível em relação à maior proteção para a criança."

As campanhas de vacinação não nos parecem uma medida única e decisiva quando se trata de doenças transmissíveis que dependem de doses subsequentes para se alcançar o grau desejado de proteção e cobertura do grupo etário a que se destinam. Elas têm promovido mais propaganda do que esclarecimentos sobre as vacinações que operam. O comparecimento da população para imunizações nesse momento decorre mais do pânico que têm provocado do que das informações específicas, precisas e indispensáveis, nem sempre usadas.

A obrigatoriedade decorrente da Lei n.º 6.259, de 30-10-75, para que empregadores exijam de seus operários o comprovante de vacinação complementar de seus filhos, nos parece, também, medida de funcionabilidade duvidosa.

Acreditamos que o problema não esteja ligado somente à existência ou não da vacina ou aos programas de vacinação, mas também à motivação que a população tem para procurar os serviços, como esses são estruturados e à capacitação de seu pessoal para dar essa assistência à população.

Dado a tais considerações temo-nos perguntado até que ponto cabe à responsabilidade da enfermagem, quanto ao aspecto educativo, o sucesso ou insucesso dos programas de vacinação.

O tipo de enfermagem à população infantil na comunidade, necessário para cuidar da prevenção, da assistência à enfermidade e invalidez da criança, depende das causas de morbidade e mortalidade na população, da localidade onde o enfermeiro exerce suas atividades, e do grau em que essas condi-

ções possam melhorar ou modificar-se mediante suas atividades.³

Algumas das causas mais importantes de morbidade e mortalidade poderão ser bem pouco afetadas pela ação exclusiva ou específica da enfermagem. Em outras, no entanto, a enfermagem na comunidade poderá constituir o fator principal para a prevenção ou assistência, como quando se trata de certas doenças transmissíveis, quer quanto à proteção específica tanto como aos aspectos educativos.

A execução de todo programa de imunizações em nossos serviços de saúde, em qualquer Unidade, cabe inteiramente à enfermagem. É de sua responsabilidade:

1 — Organização e controle do serviço nos centros de saúde englobam: ordem e manutenção dos fichários; manutenção das vacinas; controle e execução das imunizações realizadas na Unidade; preparo e execução dos programas na comunidade; treinamento e supervisão de pessoal para as atividades relacionadas; preparo e controle de material.

2 — Educação individual e coletiva que diz respeito às vacinações.

Partindo do pressuposto de que o sucesso ou fracasso na obtenção do objetivo dos programas de imunização, que é a cobertura de porcentagem adequada da população infantil, caiba em grande parte à educação específica em vacinação, quisemos verificar como é realizada a vacinação de crianças nas unidades de saúde governamentais da cidade de Ribeirão Preto, no que se refere aos aspectos de orientação que devem acompanhar as imunizações no momento de sua aplicação.

MATERIAL E MÉTODO

O presente trabalho foi realizado em quatro Unidades de Saúde da cidade de Ribeirão Preto; das cinco existentes na data da coleta dos dados três eram da

Secretaria de Saúde, e uma Unidade pertencente ao Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. A quinta Unidade (atual Centro de Saúde Escola) serviu de campo onde foram testados os formulários de observação. As unidades da Secretaria são chamadas neste trabalho de C.S. I (Centro de Saúde); C.S. II, C.S. III e a Unidade do Hospital das Clínicas — Hospital Ensino.

A técnica usada para a coleta dos dados foi a observação direta do vacinador. O instrumento utilizado foi um formulário (anexo 1) para cada criança, onde o observador registrava as orientações feitas pelo vacinador à mãe ou responsável.

A fase de pré-vacinação consta dos seguintes casos: apresentação da carteira de vacinação, pela mãe ou responsável, ao vacinador; retirada do fichário da carteira cópia; obtenção de informações sobre o estado de saúde da criança; verificação, através da carteira, das vacinas a serem tomadas; registro das doses nas carteiras e no mapa diário; orientação à mãe sobre as vacinas que a criança vai tomar, sobre a data do retorno e encaminhamento para aplicação da vacina.

No presente trabalho foram elegidas para estudo as orientações referentes às vacinas do esquema infantil; quanto ao número de doses necessárias, reações naturais, cuidados com a criança e orientações referentes ao retorno. Foi verificado o grau de correção destas orientações.

Os dados foram coletados no 1.º semestre do ano 1979.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos nove vacinadores existentes, observados na ocasião do estudo, dois deles, os pertencentes ao Hospital Ensino, eram auxílios sendo os demais atendentes.

Entre todos, verificaram-se as orientações relativas a 459 vacinas, correspondentes a todo o esquema infantil dadas a 388 crianças, número total das quatro Unidades. A vacina mais observada foi a Triplice, o que é explicável pelo maior comparecimento das crianças ao serviço para receberem as três doses necessárias. Isto não prejudicou o estudo desde que se visava à verificação do grau de correção das instruções ou orientações dadas pelos vacinadores e não o tipo de vacinas.

O número de observações nas quatro Unidades não foi igual, isto porque os bairros e respectivas populações diferem entre si, alguns com maior ou menor número de habitantes e cuja demanda, portanto, não é a mesma. O número de vacinadores em cada Unidade também diferiu: três vacinadores para os C.S. I e II, dois para o Hospital Ensino e um para o C.S. III. Contudo, as observações feitas dos mesmos foram aproximados e todos os vacinadores existentes em cada Unidade foram observados. Realizaram-se em média 50 observações por vacinador. Na tabela 1 é mostrado o total de vacinas realizadas pelos vacinadores nos diversos serviços de saúde e o número de crianças em cada Unidade.

Na tabela 2 é apresentado o número total das diferentes vacinas observadas em cada Unidade e o total geral de vacinas realizadas e observadas das Unidades como um todo.

As tabelas 3 e 4 correspondem aos resultados obtidos das observações realizadas que buscavam respostas para a qualidade das orientações quanto ao retorno, doses necessárias, proteção conferida, às reações naturais da vacina e cuidados à criança. Sobre esses aspectos foi verificado se foram realizadas ou não, isto é, se a instrução foi feita ou não e quando feita, se estava correta ou não. Verifica-se uma porcentagem alta quanto à ausência das orientações que deveriam ser dadas. A porcenta-

gem de omissão de orientações verificadas foi de 87,87% quanto à orientação sobre a proteção conferida pela vacina; 44,24% no que se refere ao número de doses necessárias; 79,79% quanto aos ensinamentos sobre as reações naturais da vacina e 67,41% sobre os cuidados devidos à criança.

Verifica-se também na tabela 3 que, quando as instruções foram dadas, nem sempre elas foram corretas. O número de corretas em todos os Centros de Saúde, quando estas foram feitas, é baixo; o primeiro item (quanto à proteção conferida) foi de 54, o que representa 10,99% das 495 vacinações observadas; para o segundo item (número de doses necessárias), foram realizadas 244 ou 49,29% do total das vacinações; para o terceiro item (reações naturais) também foi feita apenas 54 ou 10,99% do total, e para o item sobre os cuidados devidos à criança, houve somente 59 orientações corretas ou 11,91% das 495 vacinações observadas.

Pode-se observar nesta tabela, onde se apresentam todos os dados dos diversos Centros de Saúde, que não há grandes diferenças de omissões de ensino ou de erros entre os mesmos, quando a instrução foi realizada. As porcentagens de erros e omissões foram altas mesmo no Hospital Ensino, onde se poderia esperar melhores níveis de orientação, pois é onde se encontram auxiliares de enfermagem. Observou-se também que no C.S. II, no qual se deu a menor porcentagem de omissões, foi onde houve a maior porcentagem de orientações incorretas (46,57%) quando se trata das orientações sobre os cuidados à criança.

Quanto às orientações em relação ao retorno das crianças, tabela 4, verifica-se que numericamente são mais executadas. Das 388 crianças vacinadas em todos os Centros de Saúde, 345 ou 88,89% foram instruídas para voltar. No entanto, as porcentagens de orientações incorretas em relação ao prazo

de volta, das anotações por escrito, da indicação do local de anotação do retorno da explicação sobre a importância da conservação da carteira de vacinas foram significativas como as demais orientações quando se considera que qualquer uma tem que ser feita a todos e inteiramente correta.

CONCLUSÃO

Consideramos inicialmente em nosso trabalho que o desenvolvimento da programação de vacinações nos serviços de saúde está diretamente afeto à Enfermagem, fazendo com que esta seja grandemente responsável por seus resultados. Consideramos sobretudo que os aspectos educativos nesses programas são a base para o tipo de qualidade e abrangência que se deseja para esses resultados.

Neste estudo verifica-se que os processos de aplicação das vacinas nos serviços de saúde são deficientes principalmente pela falta de orientação ou orientações erradas quando dadas pelos vacinadores.

Apenas 80% das crianças, isto é, dos responsáveis por elas, recebem instruções sobre a necessidade de retornar para completar as doses subseqüentes necessárias. Nem sempre, porém, essas orientações são corretas. As anotações para retorno nas cadernetas de vacinação não são feitas com a devida clareza, necesssária para uma clientela de baixa escolaridade como é a maioria que frequenta os serviços de saúde. Os esclarecimentos devidos sobre as reações das vacinas e demais esclarecimentos imprescindíveis são omitidos ou então fornecidos com falhas.

Nossas observações mostram objetivamente que nossos serviços de vacinação são falhos e podem ser responsabilizados pelos maus resultados, principalmente quando se verifica pelas estatísticas oficiais o alto número de crian-

ças que não completam as vacinas que iniciam.

Nossas preocupações a respeito são maiores quando podemos inferir que erros e omissões encontrados em nossos serviços ocorrem também em outros serviços deste Estado ou de todo o Território Nacional, pois sabemos das deficiências existentes iguais as nossas. Há poucos enfermeiros nas Unidades de

Saúde sendo que o pessoal auxiliar trabalha desta maneira, com supervisão deficiente.

Os serviços de enfermagem devem estar atentos para o problema. Tanto no treinamento como na supervisão, precisam levar em conta, além dos aspectos técnicos da vacinação, os aspectos educativos para o indivíduo e para a comunidade.

BIBLIOGRAFIA

1. Boletim Epidemiológico — Ministério da Saúde — Fundação Serviços de Saúde Pública. Divisão de Epidemiologia e Estatística e Informação. Vol. (ANO) XI n.º 14 — Semanas 27 e 28 (1979).
2. Boletim Epidemiológico — Vol. (ANO) XI n.º 12 — Semanas 23 e 24 (1979).
3. Freeman, Ruth — Enfermería de Salud Pública Nueva Editorial Interamericana, S.A. de C.V. México, 1971.

TABELA 1
NÚMERO DE VACINAS E DE CRIANÇAS OBSERVADAS EM CADA UNIDADE DE SAÚDE
RIBEIRÃO PRETO — 1979

<i>Unid. de Saúde</i>	CENTRO DE SAÚDE I	CENTRO DE SAÚDE II	CENTRO DE SAÚDE III	HOSPITAL ENSINO	T O T A L
Número de Vacinas	195	73	71	156	495
Número de Crianças	158	67	50	113	388

TABELA 2
NÚMERO DE VACINAS REALIZADAS EM CADA UMA DAS UNIDADES DE SAÚDE DE RIBEIRÃO PRETO — 1979

<i>Unid. de Saúde</i> Vacinas	CENTRO DE SAÚDE I	CENTRO DE SAÚDE II	CENTRO DE SAÚDE III	HOSP. DE ENSINO	T O T A L
TRÍPLICE	64	26	27	50	167
ANTI-TETÂNICA	29	-	-	7	36
DUPLA	26	-	4	5	35
B C G	26	21	19	14	80
ANTI-SARAMPO	16	11	6	10	43
ANTI-VARIÓLICA	12	11	9	6	38
SABIN	22	4	6	64	96

TABELA 3
ORIENTAÇÕES AOS RESPONSÁVEIS PELAS CRIANÇAS SOBRE AS VACINAS APLICADAS

Orientações Quantidade	QUANTO À PROTEÇÃO CONFERIDA						QUANTO AO NÚMERO DE DOSES NECESSÁRIAS						QUANTO AS REAÇÕES NATURAIS						QUANTO AOS CUIDADOS COM A CRIANÇA									
	NÃO			SIM			NÃO			SIM			NÃO			CORRETO			INCORRETO			CORRETO			INCORRETO			TOTAL
Nº	Z	Nº	Z	Nº	Z	Nº	Z	Nº	Z	Nº	Z	Nº	Z	Nº	Z	Nº	Z	Nº	Z	Nº	Z	Nº	Z	Nº	Z			
Unidades	168	86,15	25	12,82	2	1,02	195							20	10,25	162	83,07	13	6,66	195	175	89,74	10	5,12	10	5,12	195	
C.S.I																											195	
C.S.II	72	38,63	1	1,37	-	-	73	44	60,27	19	26,02	10	13,69	73	59	80,82	5	6,84	9	12,32	73	32	43,83	7	9,58	34	46,57	73
C.S.III	69	97,18	2	2,81	-	-	71	31	43,66	40	56,33	-	-	71	55	77,46	1	1,40	15	21,12	71	55	77,46	1	1,40	15	24,12	71
HOSP. DE ENSINO	126	80,77	26	10,66	4	2,56	156	124	79,49	23	14,74	9	5,77	156	106	67,95	38	24,36	12	7,69	156	86	55,13	37	23,72	33	21,15	156
TOTAL GERAL	435	87,87	54	10,09	6	1,37	495	219	44,24	244	49,29	32	6,46	495	395	79,79	54	10,99	46	9,29	495	343	69,29	59	11,91	93	18,79	495

TABELA 4
ORIENTAÇÕES AOS RESPONSÁVEIS SOBRE O RETORNO DAS CRIANÇAS

MUNICÍPIO	VOLTAR			PRAZO			POR ESCRITO			MÚLTIPLO LOCAL ONDE FOI ANOTADO O RETORNO			EXPLICAR IMPORTÂNCIA DA CADERNETA DE VACINAS**						TOTAL																
	SIM	NÃO		CORRETO	INCORRETO		NÃO SE APLICA *	TOTAL	SIM	NÃO		TOTAL	SIM	NÃO		NÃO SE APLICA	TOTAL	SIM		NÃO		NÃO SE APLICA	TOTAL												
		Nº	Z		Nº	Z				Nº	Z			Nº	Z					Nº	Z			Nº	Z	Nº	Z	Nº	Z	Nº	Z	Nº	Z		
C.S. I	150	94,93	8	5,06	158	139	87,97	11	6,96	8	5,06	158	141	89,24	9	5,70	8	5,06	158	56	35,44	85	53,40	17	10,76	158	22	13,92	13	8,23	123	77,85	158		
C.S. II	53	79,10	14	20,90	67	47	70,15	6	8,95	14	20,90	67	35	52,23	18	26,87	14	20,90	67	22	32,84	13	19,40	32	47,76	67	4	5,97	4	5,97	39	80,06	67		
C.S. III	35	70,0	15	30,0	50	33	66,0	2	4,0	15	30,0	50	6	12,0	29	58,0	15	30,00	50	2	4,0	4	8,0	44	88,0	50	2	4,0	5	10,0	25	50,0	18	36,0	50
POST. DE ENSINO	107	94,69	6	5,31	113	104	92,03	3	2,65	6	5,30	113	97	85,84	10	8,84	6	5,20	113	25	22,12	82	72,50	6	5,30	113	6	5,30	13	11,50	94	83,18	113		
TOTAL GERAL	345	86,89	43	11,08	388	323	83,25	22	5,67	43	11,07	388	205	73,45	66	17,01	37	9,54	388	107	27,95	184	47,42	97	25,00	388	24	8,76	35	9,00	301	77,58	18	4,64	388

NOTA: Esta tabela está calculada sobre o número de crianças, que é de 388, e não sobre o número de vacinas.

* — São os casos em que não mandou voltar.

** — Somente para os casos em que é fornecida a carteira pela primeira vez.

(ANEXO 1)

FORMULÁRIO PARA OBSERVAÇÃO DO APLICADOR DE VACINAS

Data:

Turno:

Local:

Idade da criança:

Observador:

N.º do Observador:

I — CRIANÇAS VACINADAS:

Trouxe carteira de vacina ou ficha: sim ☐ não ☐ não se aplica ☐

Deveria receber variólica ☐

ainda: sarampo ☐

1 — SELEÇÃO DAS VACINAS A SEREM APLICADAS:

1.1 TRÍPLICE

o que deveria tomar

1. ^a dose	☐	correto	☐	incorreto	☐		☐
2. ^a dose	☐	correto	☐	incorreto	☐		☐
3. ^a dose	☐	correto	☐	incorreto	☐		☐
1.º reforço	☐	correto	☐	incorreto	☐		☐
2.º reforço	☐	correto	☐	incorreto	☐		☐

1.2 ANTITETÂNICA

o que deveria tomar

1. ^a dose	☐	correto	☐	incorreto	☐		☐
2. ^a dose	☐	correto	☐	incorreto	☐		☐
3. ^a dose	☐	correto	☐	incorreto	☐		☐
reforço	☐	correto	☐	incorreto	☐		☐

1.3 DUPLA (antitetânica e antidiftérica)

o que deveria tomar

1. ^a dose	☐	correto	☐	incorreto	☐		☐
2. ^a dose	☐	correto	☐	incorreto	☐		☐
3. ^a dose	☐	correto	☐	incorreto	☐		☐
1.º reforço	☐	correto	☐	incorreto	☐		☐
2.º reforço	☐	correto	☐	incorreto	☐		☐

1.4 ANTIDIFTÉRICA

o que deveria tomar

1. ^a dose	☐	correto	☐	incorreto	☐		☐
2. ^a dose	☐	correto	☐	incorreto	☐		☐
3. ^a dose	☐	correto	☐	incorreto	☐		☐
1.º reforço	☐	correto	☐	incorreto	☐		☐
2.º reforço	☐	correto	☐	incorreto	☐		☐

1.5 B.C.G. o que deveria tomar
B.C.G. ☐ correto ☐ incorreto ☐

1.6 ANTI-SARAMPO
correto ☐ incorreto ☐ por quê?

1.7 ANTIVARIÓLICA
PRIMO VACINAÇÃO ☐ correto ☐ incorreto ☐ por quê?

REVACINAÇÃO ☐ correto ☐ incorreto ☐ por quê?

1.8 ANTIPOLIOMIELÍTICA (SABIN) o que deveria tomar

1. ^a dose	☐	correto ☐	incorreto ☐	 ☐
2. ^a dose	☐	correto ☐	incorreto ☐	 ☐
3. ^a dose	☐	correto ☐	incorreto ☐	 ☐
1. ^o reforço	☐	correto ☐	incorreto ☐	 ☐
outros ref.	☐	correto ☐	incorreto ☐	 ☐

2 — ORIENTAÇÃO DO RESPONSÁVEL, SOBRE A VACINA

2.1 Quanto às doenças que protege:

não ☐ sim ☐ correto ☐ incorreto ☐

2.2 Quanto ao número de doses necessárias:

não ☐ sim ☐ correto ☐ incorreto ☐

2.3 Reações naturais:

não ☐ sim ☐ correto ☐ incorreto ☐

2.4 Cuidados com a criança:

não ☐ sim ☐ correto ☐ incorreto ☐

3 — REGISTRO DA VACINA:

	sim	não	
— preencheu todos os dados	☐	☐	
— anotou no local correto	☐	☐	
— letra legível	☐	☐	
— anotou em todas as fichas	☐	☐	— Motivo:

4 — RETORNO DA CRIANÇA:

— mandou voltar		sim ☐	não ☐
— prazo		correto ☐	incorreto ☐
— por escrito		sim ☐	não ☐
— mostrou o local onde foi anotado o retorno		sim ☐	não ☐
— explicou sobre a importância da caderneta de vacinação: (se for caso novo)			
não se aplica	☐	sim ☐	não ☐